

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MINEIDE CARDOSO MENGUE HAINZENREDER

AFETIVIDADE: ESFERA DE MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Três Cachoeiras

2010

MINEIDE CARDOSO MENGUE HAINZENREDER

AFETIVIDADE: ESFERA DE MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACHED/UFRGS.

**Orientadora: Prof. Dra. Dóris
Bitencourt Almeida**

Tutora: Profa. Márcia Caetano

**Três Cachoeiras
2010**

MINEIDE CARDOSO MENGUE HAINZENREDER

AFETIVIDADE: ESFERA DE MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACHED/UFRGS.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Dóris Bitencourt Almeida

Profa. Márcia Caetano

Grau Final: _____

Três Cachoeiras, ___ de _____ de _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

À Jesus Cristo, que com sua infinita sabedoria e compaixão tem guiado meus passos durante toda esta caminhada.

Agradeço ao meu esposo Rogério que, com compreensão, incentivo e paciência, soube ser companheiro e amigo, fazendo-me acreditar que seria possível este sonho.

"A educação é um ato de amor, por
isso, um ato de coragem".

(PAULO FREIRE)

HAINZENREDER, Mineide Cardoso Mengue. ***Afetividade: esfera de motivação para a aprendizagem.*** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010.

RESUMO

O presente estudo intitulado afetividade: esfera de motivação para a aprendizagem apresenta a importância dos aspectos sócio-afetivos para o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem do indivíduo, analisando a importância das contribuições da relação afetiva entre aluno e professor no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, além de uma pesquisa bibliográfica, a qual valeu de teóricos clássicos e contemporâneos que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem, realizou-se também, uma análise qualitativa, efetuada por meio de entrevistas de caráter investigativo, a ex-alunos, a qual objetivou a apreciação da importância da afetividade como recurso motivacional, ou seja, como mola propulsora do processo educativo.

Palavras-chave: Relação sócio-afetiva; Processo de aprendizagem; Cognição; Motivação.

HAINZENREDER, Mineide Cardoso Mengue. ***Afetividade: esfera de motivação para a aprendizagem.*** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras, 2010.

ABSTRACT

This study entitled AFFECTIVITY: BALL OF MOTIVATION FOR LEARNING intends to present the importance of the socio-emotional development and the teaching-learning process of the individual, analyzing the importance of the contributions of the emotional relationship between student and teacher in the teaching-learning. Therefore, in addition to a literature search, which drew upon classical and contemporary theorists who work with the issue of emotion in the learning process, there was also a qualitative analysis, conducted through interviews investigative character, the ex-students, which aimed to assess the importance of affection as motivational resource, or as springboard for the educational process.

Keywords: Value socio-emotional; learning process; Cognition; Motivation.

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1– O que é afetividade?.....	16
2.2 – Os primeiros sinais da afetividade na vida do ser humano.....	17
2.3 – O aprimoramento da qualidade do processo afetivo.....	18
2.4 – A separação do cognitivo e do afetivo.....	19
2.5 – A relação entre afetividade e cognitivo	21
2.6 - A importância da interação social.....	22
2.7 – O processo seletivo do objeto de conhecimento: a significação.....	23
2.8 – O educador no processo ensino aprendizagem.....	24
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 – Conhecendo o processo da entrevista.....	26
3.2 – Apresentações dos dados, análise e reflexões.....	30
4 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
APÊNDICES.....	45
APÊNDICE A - Roteiro para entrevista com alunos.....	46
APÊNDICE B - Termos de consentimento informado.....	46

1 INTRODUÇÃO

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e a dos anjos (...) se eu não tivesse amor. Eu nada seria.

(Primeira carta de São Paulo aos Coríntios, cap.13)

A afetividade tornou-se um tema muito debatido na atualidade. Sabe-se, com base nas principais teorias do desenvolvimento, que ela é de suma importância, interferindo diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização, nas interações humanas e, também, na aprendizagem do indivíduo.

Desta forma, o desenvolvimento humano, desde seus primeiros dias de vida, não está pautado apenas nos aspectos cognitivos, mas também nos afetivos. Eles estão intimamente ligados, sendo impossível a separação dos dois dentro do desenvolvimento humano, pois há a “existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem.” (VYGOTSKY,1989, p. 6-7 apud LA TAILLE, 1992, p. 77). Wallon apud La Taille (1992, p. 90), vai além, afirmando que, “no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas...”

Diante do pressuposto que a afetividade norteia o desenvolvimento humano, e conseqüentemente, a vida escolar, visto que é fundamental nas relações interpessoais, este trabalho objetiva elucidar a importância e a influência desta dentro do processo ensino-aprendizagem, bem como a compreensão que a mesma tem na relação professor-aluno dentro do âmbito da construção do conhecimento.

Tema este que despertou meu interesse e curiosidade, após a conclusão do meu estágio docente obrigatório, oportunidade em que pude vivenciar momentos afetivos com meus alunos e percebi que, esses momentos foram muito importantes para a interação e participação dos educandos no processo de construção do conhecimento. Também pude perceber, durante nossas conversas, que muitos deles lembravam-se de fatos ou vivências que eram narradas com um alto grau de importância afetiva, a ponto de empolgá-los e contagiá-los durante a narrativa. Comecei a notar que essas experiências ficaram guardadas em suas mentes de forma especial e me levaram a constatar que em muitas dessas narrativas eles se

recordavam de atividades escolares e interações que tiveram entre si e com a professora titular da turma, tanto do ano em questão, quanto dos anos anteriores, sendo que, estas recordações demonstravam a aprendizagem que construíram.

Visando focar minha prática investigativa, muitas perguntas vieram nortear minha pesquisa. Primeiramente, procurei investigar se é possível ocorrer aprendizagem se houver pouca afetividade no relacionamento entre professor e aluno. Procurei discutir a afetividade em múltiplos aspectos: Se ela é um agente facilitador da aprendizagem? Por quê? De que forma? Se pode tornar a aprendizagem mais interessante e estimulante? Por fim, o trabalho busca compreender se a falta de afetividade entre aluno e professor pode interferir de maneira negativa na construção do conhecimento, agindo significativamente a aprendizagem.

No entanto, com o decorrer das pesquisas, fui percebendo que não seria possível compreender todas estas questões dentro do meu campo de pesquisa por um importante motivo: o tempo estipulado para a realização deste estudo que me limitaria em aprofundar as questões, comprometendo significativamente os resultados obtidos. Desta forma optei por apenas uma questão mais abrangente: Qual o papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem? Esta questão me oportunizaria, frente ao tempo estipulado, construir uma análise com dados suficientes e qualitativos, o que contribuiria significativamente com o objetivo e conclusão deste estudo.

Após a construção do meu capítulo do referencial teórico e a aplicação das entrevistas, um novo olhar me direcionou sobre os dados obtidos. Comecei a indagar-me quanto aos depoimentos dos meus entrevistados, pois observei que, todos eles, quando indagados sobre o que lhes vinha à mente sobre sua vida escolar, relataram relações afetivas marcantes, tanto recordações boas quanto ruins, que envolviam vínculos afetivos significativos para eles.

Frente a estes dados, retornei às leituras feitas e aos materiais consultados na elaboração do meu referencial teórico e pude analisar informações e reflexões dos autores consultados que, anteriormente, haviam me passado despercebidos. E cheguei à conclusão que precisava modificar minha questão investigativa, pois agora, havia definido ainda mais meu foco. Portanto, formulei a seguinte questão:

Por que as pessoas insistem em lembrar de situações que envolvam afeto? O que isso nos diz a respeito do processo ensino- aprendizagem?

Esta mudança na minha questão central não interferiu nas minhas pesquisas anteriores, nem tampouco no meu referencial teórico, pois a pergunta que a antecedeu, de certa forma também seria abrangida dentro das análises. Contudo, senti a necessidade de complementar a parte teórica, realizando novas pesquisas em outras fontes, com a finalidade de abranger estes novos dados coletados e aprimorar a compreensão do porque destas informações.

Da mesma forma que a questão norteadora, após as pesquisas realizadas, o estudo recebeu uma nova titulação, que vinha ao encontro a nova questão. Para isso, me inspirei em uma citação de Vygotsky, em seu livro célebre: “A formação social da mente”, em que o autor afirma que o conhecimento se origina numa esfera de motivação e que esta [esfera] é formada pela afetividade. Vasconcellos (2002, p.62), por sua vez, complementa dizendo que “a aprendizagem significativa depende, pois, além do nível de representação, da carga afetiva envolvida”.

Além disso, também levei em conta o caráter social do tema, pois sabemos que as instituições educacionais com destaque para a família e a escola, têm um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Assim, pode-se perceber que a escola está inserida no contexto social e, portanto, não é uma instituição independente.

Desta forma, o sucesso de todo trabalho desenvolvido pelo professor na escola depende da relevância social que as interações ocorrem, e, logo, em uma escola construída a partir do respeito, passa-se a assumir o caráter social da afetividade.

É com um trabalho focado na dimensão afetiva que a escola procurará tocar a sensibilidade das pessoas para que elas venham perceber a importância decisiva da harmonia no grupo social. Hoje, sabemos que grande parte das crianças ingressam na vida escolar nos primeiros meses de vida, e é por isso que, De Paula (2007) ressalta que para o professor é de fundamental importância entender sobre as características psíquicas, biológicas e comportamentais da criança em uma fase específica do seu crescimento, possibilitando o reconhecimento de possíveis deficiências no processo, bem como a devida intervenção.

Para isso, apresento, primeiramente, uma abordagem teórica sobre o tema, que será dividido em subcapítulos com o objetivo de melhor abordar os dados. Sendo assim, primeiramente se discute o que é afetividade, para em seguida explicar como se dá o surgimento dela no início da vida do ser humano e como ela vai se aprimorando com o desenvolvimento do indivíduo. Também analisei como ocorre a relação da afetividade com o cognitivo e seu papel no contexto social deste desenvolvimento. Por fim, uma breve reflexão sobre como a escola e o educador devem agir e qual sua responsabilidade dentro deste processo.

Para este estudo, além de uma pesquisa bibliográfica, a qual se valeu de teóricos clássicos e contemporâneos que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem, realizou-se também, uma pesquisa de campo de caráter investigativo e exploratório, onde através da metodologia de entrevistas buscou-se obter o máximo de informações que contribuíssem para o esclarecimento do problema abordado neste trabalho.

Por fim, após esta descrição do método e da interpretação dos dados coletados, apresento algumas reflexões a cerca do problema investigado, subsidiando uma relação com os teóricos apresentados e os resultados deste estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ultimamente, muitos estudos estão sendo voltados para a compreensão da dimensão sócio-afetiva no processo ensino-aprendizagem, possibilitando uma nova leitura das dimensões afetiva e cognitiva, determinantes no desenvolvimento e na constituição do indivíduo. Estas teorias baseiam-se numa visão mais integrada do ser humano, produzindo um novo olhar para as práticas pedagógicas. Desta forma, apresentar-se-á as contribuições destas teorias a luz de alguns renomeados autores, numa interpretação, onde pensamento e sentimento se fundem numa abordagem histórico-social.

2.1– O que é afetividade?

Para se compreender o que é afetividade, primeiramente é necessário diferenciar afetividade e emoção, o que muitas vezes, no cotidiano, são consideradas palavras sinônimas e utilizadas para representar um mesmo sentido, o que não é apropriado.

A emoção é o produto resultante da afetividade, ou seja, é o que produzimos em nossa vida afetiva. Wallon apud Galvão é mais preciso ao diferenciar emoção e afetividade. Para ele “as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.” (1995, p.61). Desta forma, a afetividade tem a capacidade de gerar inúmeras manifestações e não somente a emoção, o que não nos permite compará-las, visto que uma é resultante da outra. Podemos dizer, então, que a afetividade é formada por inúmeras manifestações da vida afetiva, e que a emoção é uma destas manifestações.

Dantas (1992) afirma que a emoção, que está inserida no campo da afetividade, é simultaneamente social e biológica em sua natureza. Uma emoção pode ser considerada biológica quando ela produz um resultado no organismo humano, apresentando uma reação que age diretamente no organismo ou derivam

de inconstâncias do próprio organismo humano, tais como a depressão, o susto e a ansiedade.

Ratner diz que,

embora algumas emoções possuam correspondentes naturais, parte das emoções, entre as quais a vergonha, a gratidão, o dever, a raiva, a piedade, o remorso, a admiração, o ódio, o desprezo, a vingança, o amor e a culpa, não possuem. (1995, p.68).

Assim, é possível tornar ainda mais evidente o caráter social destas emoções, pois, embora nos bebês hajam correspondentes naturais, num indivíduo com mais idade, as emoções são mediadas pela consciência social e, portanto, se diferem daquelas dos anos iniciais de nossas vidas. Com isso, podemos perceber o caráter social destas emoções, visto que não possuem correspondentes naturais e espontâneas como ocorre nos primórdios da vida humana.

Por serem produzidas por contribuições sociais e biológicas, as emoções apresentam uma grande importância no contexto da afetividade e do próprio desenvolvimento do indivíduo. Segundo Galvão, (1995, p.74), “pela capacidade de modelar o próprio corpo, a emoção permite a organização de um primeiro modo de consciência dos estados mentais e de uma primeira percepção das realidades externas”, ou seja, são pelas emoções de caráter biológica que o indivíduo consegue organizar um desenvolvimento mental suficientemente capaz de levá-lo a perceber as manifestações externas e sociais que o cercam. Por isso, Dantas (1990, p.60) diz que “o desenvolvimento é inaugurado pela afetividade e não pela inteligência.” E complementa dizendo que “a transcrição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitivo- racional, só pode ser atingida através da mediação dos elementos culturais e sociais”. Desta forma, o sujeito, “só aprende dentro de um vínculo afetivo”.

2.2 – Os primeiros sinais da afetividade na vida do ser humano

Segundo Wallon, a afetividade está presente na vida do indivíduo desde o nascimento. Primeiramente ela exerce o papel de comunicação da criança com o mundo, por meio de impulsos emocionais. Ou seja, “enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio” (ALMEIDA, 1999, p.42).

O autor ainda aborda, que segundo Wallon, os movimentos expressivos, como toque físico, olhares e sorrisos são carregados de afetividade. E como a linguagem oral ainda não existe, são estes gestos, a base para as mais variadas emoções e, conseqüentemente, para o desenvolvimento. Já que a afetividade tem papel fundamental no decorrer de todo o processo de desenvolvimento do ser humano, pois é ela o ponto de partida do desenvolvimento, visto que a primeira função do desenvolvimento infantil é afetiva.(Wallon, apud Galvão).

La Taille, também defende o papel da afetividade no início do desenvolvimento infantil. Segundo ele:

A afetividade não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira. (1992, p. 90).

Com esta afirmação, podemos perceber a importância da afetividade no processo de desenvolvimento da vida racional, tanto que, segundo La Taille, ela é predominante a inteligência, visto que é responsável pela interação e expressão do indivíduo com o mundo, ligação primordial no processo de desenvolvimento.

2.3 – O aprimoramento da qualidade do processo afetivo

Conforme a idade da criança, ela necessita de um aprimoramento na qualidade de seus meios de comunicação. Assim, a afetividade não fica mais “restrita apenas à trocas dos corpos, ela agora pode ser nutrida através de todas as

possibilidades de expressão que servem também à atividade cognitiva.” (ALMEIDA, 1999, p.75)

Segundo Wallon (1968), a afetividade evolui na medida que as crianças desenvolvem-se cognitivamente, o que torna suas necessidades afetivas mais exigentes. Pois as “manifestações epidérmicas da ‘afetividade da lambida’ se fazem substituir por outras, de natureza cognitiva, tais como respeito e reciprocidade” (Wallon apud Dantas, 1993, p.75)

Pode-se perceber, então, que com o passar do tempo, a criança necessita de uma nutrição afetiva mais racionalizada, pois mesmo mantendo um contato corporal como forma de carinho, crianças maiores necessitam de um afeto mais cognitivo, como o elogio e a admiração por parte de outros. (Almeida, 1999)

Desta forma, a criança começa a aprimorar sua forma de expressar-se e de também de sentir e compreender a expressão dos que a cercam. Ela começa a exigir um contato não apenas corporal, como carinho e afeto, mas também um contato mais cognitivo que ocorre por meio da expressão oral. Com a oralidade, a criança passa a necessitar da valorização que os outros dão a ela expressada por meio de elogios.

Almeida (1999, p.44), ainda diz, ao referir-se às idéias de Wallon, que “a palavra toma cada vez mais força, substituindo, em parte, a sensibilidade orgânica pela sensibilidade oral. A linguagem constitui-se pouco a pouco no meio de sensibilização da criança.” E ressalta que, conforme a criança avança em idade, torna-se necessário “ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem.” (IBIDEM, p.80)

Galvão (1995, p.76), firmado nas idéias de Wallon, complementa dizendo que é “graças à coesão social provocada pela emoção que a criança tem acesso a linguagem, instrumento fundamental da afetividade intelectual.”

2.4 – A separação do cognitivo e do afetivo

Wallon, em seu livro “A evolução psicológica da criança”, ressalta que o

desenvolvimento biológico e o desenvolvimento psíquico agem de forma recíproca, possuindo uma ligação indissolúvel entre ambos, não existindo, portanto, predominância de um sobre o outro, mas reciprocidade entre o ser humano e o meio ao qual está inserido.

Segundo Almeida (1999, p.51), Wallon ainda destaca que “a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem a criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.” Desta forma, podemos perceber que a evolução psíquica necessita tanto da inteligência como também da afetividade, pois tal evolução se dá por meio das relações afetivas, onde o indivíduo passa a acessar o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço.

Mahoney (2008) também fala sobre a identidade estrutural e funcional da afetividade, afirmando que além dela, também o motor e o cognitivo apresentam funções bem definidas, mas que todas agem de forma recíproca, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo. E ressalta que, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para descrição do processo.

Vygotsky apud Kohl (1992) salienta que a separação do cognitivo e do afetivo é uma das principais deficiências da Psicologia Tradicional, pois “esses dois aspectos são ao mesmo tempo, irreduzíveis, indissociáveis e complementares, não é, portanto, muito para admirar que se encontre um notável paralelismo entre suas respectivas evoluções”. (PIAGET e INHELDER, 1990, p. 24). Isso ocorre porque, segundo La Taille apud Vygotsky (1992, p.77), o afetivo e o intelectual, dentro de um sistema dinâmico de significados, se unem para mostrar uma idéia ou atitude afetiva sempre “transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere”. Assim, ainda segundo o mesmo autor, é possível observar toda a trajetória das necessidades e impulsos de um indivíduo, “até a direção específica tomada por seus pensamentos, até o seu comportamento e sua afetividade”.

2.5 – A relação entre afetividade e cognitivo

Galvão (1995, p.76), diz que “paralelamente ao impacto que as conquistas feitas no plano cognitivo têm sobre a vida afetiva, a dinâmica emocional terá sempre sobre a vida intelectual”. Ou seja, conforme o cognitivo do indivíduo vai avançando no desenvolvimento de suas fases vai adquirindo conquistas que vão auxiliá-lo em sua vida afetiva determinando toda uma “dinâmica emocional”, o que contribuirá no desenvolvimento intelectual do mesmo indivíduo. E para que esse processo ocorra, Vygotsky (1989) diz que é necessário primeiramente que o indivíduo tenha alcançado um certo nível para que se possa absorver um conceito mais abrangente. Isso ocorre, porque, segundo Galvão,

apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma a outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de interação e diferenciação. (1995, p.45).

Então, podemos perceber que o cognitivo e a afetividade estão intimamente ligados ao processo de aprendizagem do ser humano. Dantas (1992), que também aborda essa temática, ilustra as relações entre a afetividade e a atividade intelectual da criança, afirmando que a afetividade “incorpora de fato as construções da inteligência, e, por conseguinte, tende a se racionalizar.”

Wallon ainda ressalta que as funções psicológicas superiores desenvolvem-se a partir das dimensões motora e afetiva. E que esta se altera e conflita com a afetividade, em especial com a emoção. O que nos permite perceber a importância da afetividade na construção dos processos necessários a construção do conhecimento, pois ela é responsável pela construção da inteligência, num primeiro momento da vida mais espontânea e menos racional, e com o transcorrer do desenvolvimento vai se tornando uma afetividade mais racionalizada. Dantas (1992) aborda este tema e explica que por essa razão “as formas adultas de afetividade, (...) podem diferir enormemente das suas formas infantis.”

Pela afetividade ser vista como responsável pelo desenvolvimento do

indivíduo, alguns autores como Taille (1992), afirmam que ela “seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”. Ou seja, a afetividade é que nos motiva a fazer algo. É ela que nos impulsiona. Já a razão é como o regulador destas ações, identificando o conjunto de sentimentos que vão determinar se tal ação será bem sucedida ou não.

Neste caso, Taille (1992), diz que não é possível haver conflito entre a afetividade e a razão, pois ambas trabalham em conjunto, complementando a ação da outra. E o autor complementa dizendo que, se fosse possível, o que não o é, pensar a razão contra a afetividade, necessariamente seria preciso que a razão tivesse a característica de energia, coisa que não possui.

2.6 - A importância da interação social

Para Wallon, tanto a cognição, como a afetividade, brota das entranhas orgânicas do indivíduo e vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social, ou seja, esta transição “só pode ser atingida através da mediação cultural.”

Segundo ele, a consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica, correspondendo à sua primeira manifestação, que se dá pela instauração de vínculos com o ambiente social. Assim, a consciência afetiva, possibilita o acesso ao universo simbólico da cultura, permitindo a interação do indivíduo com instrumentos sociais, com os quais trabalha a atividade cognitiva e conseqüentemente lhe dá origem.

Piaget destaca com clareza as influências e determinações da interação social no desenvolvimento da inteligência, afirmando que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais.” (PIAGET, 1967 apud LA TAILLE, 1992, p.11). Desta forma, “a afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais” (PIAGET E INHELDER, 1990, p.109).

Por isso Taille apud Piaget, relata que “o ser social” de mais alto nível, é justamente aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada. E este equilíbrio sofre influência do período que a pessoa se encontra. Alguém que se encontra no período pré-operatório, interage diferente de uma que já está no nível das operações formais, visto que a cada estágio, definido por Piaget, compreende-se uma maneira de ser social.

2.7 – O processo seletivo do objeto de conhecimento: a significação

Kosik apud Vasconcellos (1985, p.59), afirma que “o homem, para conhecer as coisas em si, deve primeiro transformá-las em coisas para si.” Ou seja, são os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos. É a motivação, o interesse sobre o objeto em questão que vai influenciá-la afetivamente.

Wallon (1968, p.149) ressalta que “as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental.” Assim, percebemos que as relações afetivas estão presentes em todos os momentos do desenvolvimento do indivíduo e que ela exerce uma influencia muito grande sobre o campo da aprendizagem e da inteligência, colaborando para o desenvolvimento cognitivo da pessoa envolvida.

Além disso, no momento que existe a intervenção de um elemento em uma relação, esta passa a ser mediada por este objeto. Então, para que haja uma vinculação ativa do sujeito sobre os objetos de conhecimento é necessário que haja significação no processo. E para que a significação ocorra é necessário que o indivíduo seja motivado afetivamente sobre o elemento em questão.

Vasconcellos complementa dizendo que, “a aprendizagem significativa depende, pois, além do nível de representação, da carga afetiva envolvida.” (2002, p. 62). Então podemos perceber a influencia e a importância das relações afetivas e sociais no desenvolvimento cognitivo do ser humano, pois não basta apenas do representativo, mas sim da afetividade que norteia a relação em si.

2.8 – O educador no processo ensino aprendizagem

Vasconcellos (2002, p.76), afirma que o educador, para possibilitar a aprendizagem do educando, deve tomar como ponto de partida a “capacidade de indução, de provocação, de estímulo para motivação.” E La Taille (1992), afirma que a afetividade é a energia que motiva a ação. Assim, percebe-se que no processo de construção do conhecimento as relações afetivas se evidenciam e se tornam essenciais.

Almeida (1999), que também aborda este assunto, ressalta que estas relações afetivas se tornam essenciais porque o processo de transmissão do conhecimento ocorre mediante uma interação entre pessoas. E é exatamente isso que ocorre na relação professor-aluno, onde o afeto está presente.

Oliveira (1997) por meio de Vygotsky vem confirmar esta ideia quando menciona que o autor faz uso de um termo russo, “obuchenie”, que segundo ele, significa algo como processo de ensino – aprendizagem incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas. A emoção, segundo Galvão (1995), é contagiante e está impressa no corpo das pessoas. Professor e criança ficam expostos a esse contágio, pois a emoção é o oxigênio que alimenta e nutre, e ainda alimenta-se do efeito que provoca no outro. Portanto, podemos perceber a importância da interação entre professor e aluno e conseqüentemente a importância da qualidade afetiva desta relação.

Galvão (1995, p.64) ainda ressalta que, como “atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação.” E Dantas (1993, p.75) enfatiza dizendo que “é impossível alimentar afetivamente à distância”. Libâneo apud Vasconcellos explica o porquê de esta relação ser tão importante. Segundo o autor, a relação cognitiva que o aluno faz com os objetos de estudo, na construção do conhecimento, esta mediatizada pela linguagem, pelas situações e motivações do grupo social ao qual está envolvido, ou seja, está condicionada pela percepção que o indivíduo tem da realidade a ser

conhecida.

Segundo Almeida (1999), o professor precisa ser capaz de “lidar com a teia das relações que se criam na apropriação do conhecimento.” Pois as relações sociais e afetivas que são estabelecidas pelos alunos em seus grupos sociais são condicionantes da aprendizagem e “pela nossa prática de educadores, sabemos que conseguir a mobilização do aluno é conseguir uma ampla possibilidade de interação.” (VASCONCELLOS, 2002, p. 60).

Portanto, Almeida (1999, p.103) defende ser necessário que “as emoções sejam utilizadas pelo professor como fonte de energia e as expressões emocionais como facilitadoras do conhecimento.” E que “os aspectos afetivos e intelectual, ambos inseparáveis na atividade pedagógica”, sejam, como ressalta Dantas (1992, p.95), “a oportunidade para a manipulação da realidade e a estimulação da função simbólica, depois a construção de si mesmo”. Isso porque, segundo o primeiro, a personalização da criança depende do desenvolvimento destas duas funções, que combinadas entre si, proporcionam altos níveis de evolução.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados dados relevantes, coletados durante o processo de pesquisa empírica realizado. Em seguida, estas informações serão relatadas de maneira a criar-se uma análise argumentativa sobre a teoria, pesquisada até o momento, e as informações obtidas nas entrevistas.

Convém mencionar que, tanto as entrevistas quanto a pesquisa bibliográfica, tiveram um cunho importantíssimo na análise desta temática de estudo, pois contribuíram significativamente para a reflexão e conclusão qualitativa deste trabalho.

A análise foi dividida em subcapítulos para melhor situar a compreensão do processo desenvolvido, bem como, os resultados obtidos.

3.1 – Conhecendo o processo da entrevista

Quando iniciei minha pesquisa empírica, optei pela metodologia de entrevista visando seu caráter de cunho qualitativo, o qual me proporcionaria resultados mais satisfatórios e também um número maior de elementos a serem analisados.

Esta percepção foi possível após a leitura do artigo de Nadir Zago, onde a autora habilmente argumenta sobre os mecanismos e os processos da entrevista como ferramenta qualitativa na coleta de dados em uma pesquisa. Segundo Zago, ela pode comprovar na prática a eficácia da entrevista, cuja, segundo ela, passou a ser o principal instrumento de coleta de dados em suas pesquisas. No entanto, a autora também ressalta que, é importantíssimo “respeitar princípios éticos e de objetividade na pesquisa, bem como garantir as condições que favoreçam uma melhor aproximação da realidade social estudada”.

É necessário que esta ressalva seja observada no momento que se prepara e aplica uma entrevista, bem como no momento de sua análise, pois os resultados obtidos referem-se à realidade social estudada e analisada, podendo os resultados

serem totalmente distintos se a pesquisa fosse efetuada em outra situação social. Desta forma, não basta apenas fazer a entrevista, mas fazê-la de forma que venha contemplar os objetivos da pesquisa. Ou seja, é preciso ter consciência do porque e do que se está fazendo.

Zago cita que, “o melhor aprendizado da pesquisa social é fazê-la; mas, preferencialmente, ‘fazê-la sabendo-se o que se faz.’” (COHN, apud OLIVEIRA, 1998, p.22) e vai além, quando reitera que o pesquisador não pode apropriar-se da entrevista como mera técnica para coleta de dados mas sim, “como parte integrante da construção sociológica do objeto de estudo.” (CITO KAUFMANN apud Zago, 1996, p.295).

Por isso, procurei aplicar minhas entrevistas com pessoas dentro de uma determinada faixa etária, e de dois municípios vizinhos, os quais possuem uma realidade social bastante familiar entre eles. Preocupe-me com isso, pois como argumentado anteriormente, o social tem uma participação de grande influência no resultado obtido. Além disso, a determinação da faixa etária contribui para que a análise também fique dentro da realidade histórica educacional que a instituição escolar vinha vivenciando dentro das práticas pedagógicas eminentes no período. Esta preocupação foi priorizada para que esta não interferisse na análise dos dados, devido que, a pedagogia fluente nas escolas durante a década estipulada, poderia contribuir de maneira muito determinante na relação afetiva entre professor e aluno. Portanto, para realização da metodologia de entrevistas, determinei um grupo específico de pessoas: ex-alunos de escolas públicas, moradores dos municípios de Morrinhos do Sul e Três Cachoeiras, no Estado do Rio Grande do Sul, na faixa etária dos vinte aos trinta anos de idade.

Após determinar o grupo, a qual a pesquisa se destinaria, outros aspectos essenciais também tiveram que ser observados e contemplados. Para o processo de coleta de dados, procurou-se utilizar ferramentas e procedimentos essenciais, por representarem um importante auxiliar na realização da metodologia.

Primeiramente, necessitei definir minhas perguntas da entrevista. Preparei um roteiro (anexo 1) mais abrangente iniciando com perguntas mais amplas para aos poucos, ir focando no que eu realmente queria saber, mas com o cuidado de não induzir as respostas. Com o transcorrer da conversa, outros questionamentos que

não constavam no roteiro iam sendo incorporados a narrativa, com o propósito de descobrir mais detalhes sobre informações que iam surgindo. Este procedimento é bastante natural dentro das características da metodologia de entrevistas, pois se faz necessário a elaboração de um roteiro, mas este “não corresponde de forma alguma à ideia de modelo pronto a ser utilizado”, pois ele “não tem uma estrutura rígida, isto é, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme o direcionamento que se quer dar à investigação.” (Zago, 2003, p. 295). Ainda segundo a autora, Cito Kaufmann reforça que “cada pesquisa produz (...) uma utilização adaptada dos instrumentos: a entrevista não deveria jamais ser empregada exatamente da mesma maneira”. (IBIDEM, p. 294).

Isso ocorreu inúmeras vezes durante minha prática investigativa. Em alguns casos, o entrevistado já havia contemplado mais de uma pergunta na sua narrativa, restando apenas indagar “por quê?” ou “me dê um exemplo”, na tentativa contínua de alcançar o objetivo proposto, que é sempre a compreensão do social. Para Zago, além da compreensão do social, “o que interessa o pesquisador é a riqueza do material que descobre.” (IBIDEM, p. 296).

Frente a estes fatos, percebi o quanto é importante conquistar a confiança do entrevistado. Para isso, expliquei, primeiramente, do que se tratava a pesquisa, qual era a finalidade e que suas identidades seriam preservadas na descrição do processo. Acredito que esta transparência e credibilidade, geram a confiança, e que esta, é extremamente importante na conversação e nas informações que nos são narradas. Quando o entrevistado se sente confortável e confiante de que não haverá prejuízos nem cobranças sobre a repercussão de suas respostas, ele consegue se expressar e transmitir com muito mais riquezas de detalhes os fatos, bem como integrar-se com mais motivação na narrativa, contribuindo assim, para que o material produzido seja suficientemente rico e possa contribuir de forma mais eficaz com a pesquisa. Também tomei o cuidado de não formular questionamentos muito específicos para não correr a risco de receber respostas breves e curtas, sem muitas contribuições para a análise.

Outro aspecto que percebi, e que procurei aprimorar na minha prática de entrevistadora, foi a condução das perguntas. Notei que quando lançamos uma pergunta mais ampla e deixamos o entrevistado falar, nos colocando no papel de espectador, interferindo apenas o necessário para não perder o foco, a conversação

fluiu de forma natural e a pessoa se sentiu mais confiante e pronta para responder as questões mais específicas direcionadas a ela. Esta interação é necessária, mas não pode ser demasiadamente exagerada, visto que, se assim for, torna-se prejudicial ao processo. Segundo Kaufmann apud Zago, “o pesquisador entra no mundo do informante sem ocupar o seu lugar.” (IBIDEM, p. 305).

E a maneira que encontrei para que o entrevistado se sentisse mais confortável e de certa forma mais confiante, foi a escolha do local das entrevistas. Priorizei que elas fossem realizadas na residência dos informantes, pois além de favorecer o estado emocional dos mesmos, ainda pude perceber muitos detalhes ricos e importantes para minha análise.

Zago adverte que “o local é uma condição importante na produção dos dados, podendo facilitar ou produzir constrangimentos.” (IBIDEM, p. 298) Isso fica evidente quando pensamos na relação do tempo que esta pessoa terá para nos disponibilizar. Se a metodologia for aplicada no seu setor de trabalho, por exemplo, além do constrangimento, o indivíduo também limitará suas respostas para que a entrevista transcorra o mais depressa possível, para posteriormente, voltar a seus afazeres. Portanto, é importante que o entrevistado tenha um local confortável, onde ele possa dedicar-se sossegadamente na participação da entrevista, não comprometendo, assim, o resultado do estudo.

Durante as entrevistas, outros recursos utilizados foram as gravações em áudio e o diário de campo, para se obter o registro das expressões orais e das atitudes dos entrevistados durante a aplicação da metodologia. Essa utilização foi antecipadamente permitida pelo envolvidos e veio contribuir de maneira bastante significativa na análise, pois possibilitou a retomada das respostas, bem como perceber aspectos não identificados durante a aplicação. Posteriormente, elas foram transcritas para melhor analisá-las.

O diário de campo, citado anteriormente, também foi de extrema importância na condução deste processo investigatório. Este, por representar um auxiliar importante na realização da metodologia, foi utilizado com o objetivo de armazenar informações que o gravador não daria conta de registrar. São as expressões, exteriorização de sentimentos, ansiedade, nervosismo, segurança nas respostas e até mesmo os dados fornecidos pelo próprio ambiente residencial, que nos revela

muito sobre o social do indivíduo. Neste âmbito, Zago é enfática, quando diz que existe uma “relação inseparável entre entrevista e observação.” (IBIDEM, p. 298). Pois compreende-se ser impossível analisar os dados apenas das narrativas dos indivíduos, sem também, considerar e analisar suas características sociais e emocionais. E estas análises só nos são possíveis a partir da observação, tendo como foco o entrevistado e tudo que o rodeia.

3.2 – Apresentações dos dados, análise e reflexões

Após todas as providências, mencionadas anteriormente, terem sido cuidadosamente preparadas, iniciei minhas entrevistas. Participaram dela dez pessoas na faixa etária de vinte a trinta anos de idade e de diferentes escolaridades. As questões, por elas respondidas, foram interpretadas, subsidiando uma relação com as ideias de alguns renomados autores.

Analisando a primeira questão, onde indagou-se sobre o que lembravam ou recordavam ao pensarem na época que estudavam, pude perceber os seguintes resultados:

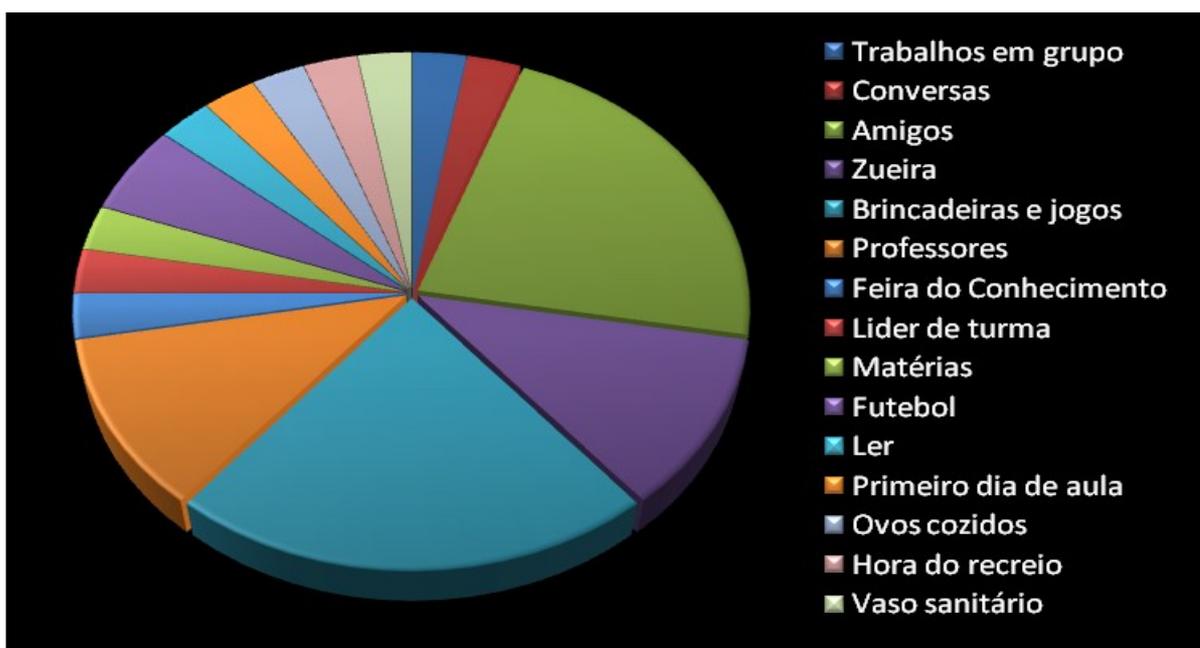


Figura 1 – Lembranças do período escolar mencionadas pelos ex-alunos entrevistados

Fonte: Entrevista de campo realizada pela autora

Dentro desta análise, pode-se perceber que 80% dos entrevistados lembram-se dos amigos, 70% recordam das brincadeiras que realizavam juntos, 20% do futebol e 40% citaram a “zoeira” que faziam. Nesta perspectiva podemos perceber que as lembranças mais citadas são aquelas que envolvem uma carga afetiva mais marcante, pois ocorreram em vínculos afetivos onde apresentavam maior contato e onde podiam agir de maneira livre, ou seja, podiam ser eles mesmos e se divertirem.

Ainda em situações que envolvam os colegas e amigos, 10% relataram que se lembram dos trabalhos em grupos, das conversas durante as aulas e da hora do recreio. Talvez poucas pessoas tenham citado estas duas primeiras recordações por se tratarem de vivências que, de certa maneira, são controladas por alguém ou algo que não permite que elas transcorram livremente ou da maneira que eles gostariam que transcorresse. Geralmente, em sala de aula, há um controle da conversa, principalmente quando a prática é trabalho em grupos. Já a terceira resposta, referente ao recreio, foi pouco citada, acredito eu, devido às práticas executadas durante o período já terem sido contempladas nas respostas anteriores. Mas, também fica claro que os ex-alunos não deixaram de citá-lo, pois percebe-se, em suas narrativas, que o consideram importante, mesmo que não interajam com brincadeiras, amigos, enfim, consideram-no como importante período de descanso.

Outros acontecimentos também foram citados pelos informantes, onde 40% disseram lembrar-se dos professores, porque eram amigos e lhes ajudavam. Também, quando indagados, 10% dos entrevistados citaram situações ou episódios que vivenciaram no período escolar e que foram marcantes. Por serem episódios muito singulares, chamou-me muita atenção pela forma como foram narrados, apresentando um misto de emoções. Isso vem reforçar o que nos diz Pino que, “são as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo.” (MIMEO, p. 131).

É tão verdadeira esta citação, que, durante a entrevista, ao serem narrados, os episódios iam, de certa forma, ganhando um valor sentimental tão grande que misturavam-se com o agora, a ponto das falas serem trazidas para o presente. Isso pode ser observado na fala de uma das entrevistadas. Ela narra que a escola ficava

ao lado da casa de sua avó e que ela ganhava todo dia, na hora do recreio, um ovo de galinha caipira cozido. Segundo ela, “a vó me dava ovo, todo dia no recreio, ovo cozido (...) ai, mas é bom, bem caseirinho... Pena que passa.”

Durante a narrativa, foi possível observar em vários momentos essa mistura de presente e passado, bem como uma mistura de euforia nas palavras, uma alegria contagiante e uma nostalgia repentina, com misto de saudade. Pude perceber o quanto importante foi para esta pessoa este simples acontecimento, não pelo valor material, mas sim por ela ter conseguido perceber o amor e o afeto desprendido pela avó naquele ato, o que a fazia sentir-se no momento, importante e amada.

Em contra partida, pude perceber que acontecimentos ruins, que fizeram a criança sentir-se humilhada ou incompreendida, também ficaram marcadas na memória. Foi o que ocorreu na narrativa de um dos entrevistados ao ser indagado sobre as lembranças da vida escolar. Relatou um episódio que, “sem querer” ele quebrou o vaso sanitário da escola. Num ato de tentar ajudar a tirar uma rãzinha que estava na parede, ele acabou derrubando um tijolo que estava sobre as repartições do banheiro e quebrou o vaso sanitário. Apesar de ter explicado que não teve a intenção, foi levado à secretária e sua mãe chamada até a escola, sendo obrigada a cobrir as despesas. Segundo ele, as professoras não acreditaram na sua inocência e chegaram a dizer que era mentira dele. Nesta narrativa, foi possível perceber que situações onde somos injustiçados, humilhados ou passamos por constrangimentos ficam marcados em nossa memória. Além disso, foi possível perceber o sentimento de frustração nas suas palavras, como se ainda tentasse se defender e justificar o ocorrido.

Em todas as entrevistas, o que mais me chamou a atenção foi a origem das lembranças dos entrevistados. Todas elas partiam de situações de extrema emoção, tanto de sentimentos bons (carinho, valorização e amizade) como o seu oposto, lembrando-se de momentos que sentiram medo, incompreensão, repreensão ou insegurança.

Outro sentimento que apareceu muito nas narrativas foi a necessidade de valorização existente no ser humano. Quatro episódios narrados contam acontecimentos em que os envolvidos se sentiram felizes por conseguirem alcançar um objetivo e por terem sido valorizados por isso. Em um deles, aparece a conquista

de ser líder da turma, muito importante para o narrador, pois, segundo ele, trata-se de uma escolha coletiva e uma forma de ajudar a professora a cuidar da turma. Então, além do reconhecimento dos colegas, fica claro que ele também busca o reconhecimento da professora. Desta forma, foi possível observar o quanto eles sentiram-se realizados com o reconhecimento dos outros, mesmo que de forma indireta. Em uma narrativa, uma informante conta que durante a realização da feira do conhecimento, elaboraram um túnel do terror com um ambiente de Halloween e que,

(...)nossa, lotou, assim, na frente da nossa sala, né. A gente fez o túnel, né... pro pessoal passar...o túnel do terror. Nossa! O pessoal, assim, dava quadras de filas e filas. O pessoal querendo entrar!! Nossa, um tempo muito bom, assim oh... muito bom mesmo.

Foi evidente o entusiasmo da narrativa. Sentia-se como que, o gosto que ela sentiu por ter feito algo com empenho e dedicação. E sobre tudo, percebia-se a satisfação que ela teve por ter sido reconhecido seu esforço. Nesta fala também está presente o desejo, mesmo que inconsciente de ser valorizado pelos colegas e professores, ou seja, pelo grupo social que se faz parte e também, a saudade de tudo o que viveu.

Dos entrevistados, 10% citaram que o que mais recordam é o primeiro dia de aula e quando começaram a ler, pois segundo eles eram sempre estimulados a estudar, pois somente assim, teriam uma melhor formação e, conseqüentemente, um futuro melhor. Mais uma vez, fica evidente a satisfação do reconhecimento e do alcance dos objetivos, visto que ambos foram elogiados tanto no primeiro dia de aula quanto na escrita e leitura das primeiras palavras, sendo, segundo eles, muito marcante.

Uma das entrevistadas narrou sobre o primeiro dia de aula, dizendo que, "(...) eu lembro como se fosse hoje, a mãe me levando pra escola. Eu lembro e é muito bom. (...) Era muito tri...". Nesta narrativa, pude perceber o quanto foi importante e quão cheia de significados esta experiência, a ponto de fazer com que o envolvido lembre-se com tamanha veracidade dos fatos, visto que, na época em que ocorreram, tinha apenas cinco anos de idade.

Levando em conta as respostas anteriores, apliquei a questão dois do roteiro

de entrevista, onde indaguei se lembravam de algum professor com carinho e porque que este foi especial, pude coletar os seguintes dados para análise:

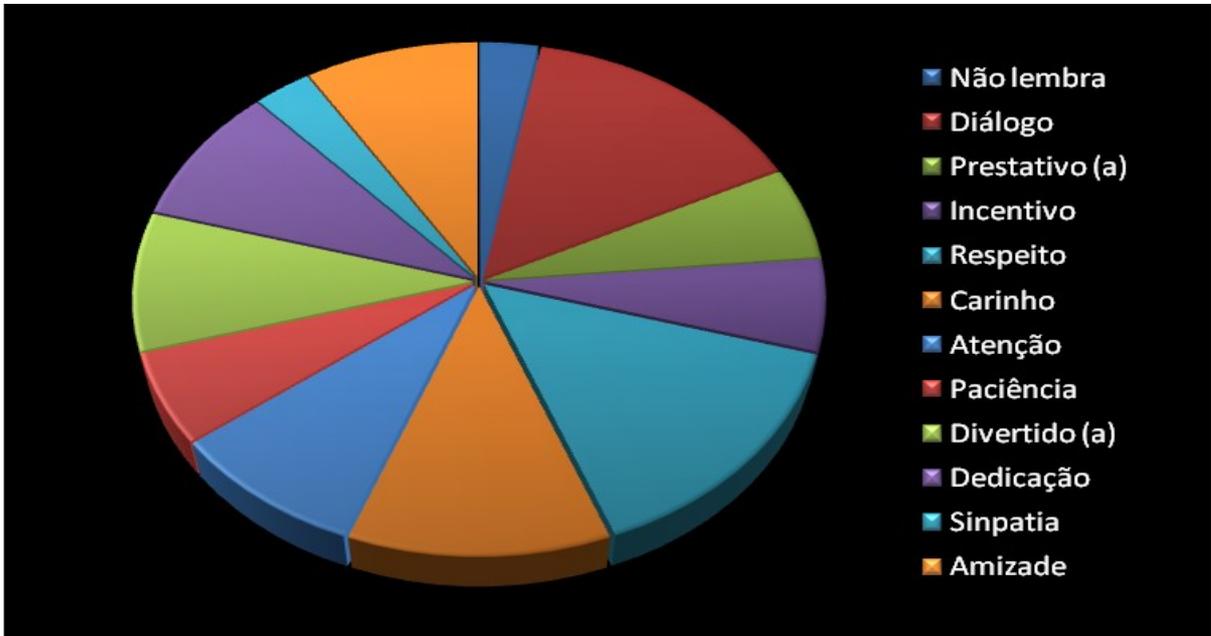


Figura 2 – Características do professor especial que ficou gravado em suas lembranças

Fonte: Entrevista de campo realizada pela autora

Dentro desta análise, 90% dos entrevistados disseram lembrar-se de professores que guardam com carinho na memória, mas 10% deles dizem não se lembrarem. O que pude perceber é que em 100% dos casos, o professor que eles se lembravam, estavam ligados às atitudes afetivas ou a forma como lidavam com os alunos. Além disso, alguns destes professores estavam ligados a algum dos acontecimentos descritos ou narrados no primeiro questionamento feito. Desta forma, percebi que, nos casos analisados, os acontecimentos vivenciados foram demasiadamente significativos a ponto de serem direcionados para os indivíduos que deles participaram.

Galvão (1995, p.64) diz que, como “atividade eminentemente social, a emoção nutre-se do efeito que causa no outro, isto é, as reações que as emoções suscitam no ambiente funcionam como uma espécie de combustível para sua manifestação.” Isso ficou bastante claro, quando o aluno, cujo havia passado pelo constrangimento de ser chamado de mentiroso, disse que “nenhum professor foi assim, tão legal que tenha me marcado.” Obviamente, que o fato dele não se lembrar, possa ser frutos de inúmeros fatores, cujos não pretendo analisar neste

estudo, mas me chamou muito a atenção este depoimento, pois segundo ele os professores não eram muito “melosos” e eram bastante exigentes.

No entanto, os entrevistados que afirmaram se lembrar de professores que têm um carinho especial, disseram que ficaram em suas memórias porque eram bons professores. Ao serem indagados o por que eram bons professores, 50% responderam que eles tinham respeito pelos alunos e permitiam o diálogo, 40% ressaltaram que eram carinhosos, 30% que davam atenção aos alunos, sendo divertidos, dedicados e amigos e 10% citaram a simpatia como fator importante na formação de um bom professor. Já 20% ressaltaram que o professor em questão, era prestativo e tinha paciência para explicar e ajudar nas atividades e que, acima de tudo, incentivava a estudar e a superar suas dificuldades.

Então, ser afetuoso não é somente abraçar, beijar, fazer carinho, mas também saber ouvir, respeitar, conhecer, admirar a criança. Através da linguagem, também pode-se ser muito afetivo, sendo este tipo de afeto, segundo Almeida (1999), muito mais racionalizado e cognitivo. Ainda segundo o autor, as crianças maiores necessitam deste tipo de afeto, como o elogio e a admiração dos outros.

Um dos entrevistados chegou a narrar que a professora sempre o incentivava quando era criticado pelos colegas, devido a dificuldade na fala. Segundo ele,

(...)ela sempre falava pra mim que eu nunca deveria, assim, olhar o que os outros pensavam de mim. Que o que importava era aquilo que eu era. Que por mais que eu tinha algumas dificuldades, na leitura ou na fala...que eu sempre, nunca fosse ouvir o que os outros falasse pra mim, mas sim, que fosse ser o que eu sou, porque é assim que eu ia me dar bem na vida.

Com esta narrativa foi possível perceber que, em momentos que o sujeito se sentia excluído e de certa forma ridicularizado pelos colegas, a professora vinha lhe mostrar que ele era importante, capaz e que ele podia tanto quanto os demais. Como as próprias palavras do entrevistado, graças a estes conselhos ele nunca deixou que o humilhassem, mesmo que, às vezes ficasse magoado, sempre levantava a cabeça e não permitia que pisassem nele. Neste âmbito vemos a importância que uma palavra de carinho e incentivo tem para quem a recebe. E nesta perspectiva Fernández ressalta que,

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar". (1991, p. 47 e 52).

Em contrapartida às respostas da questão dois, vem os dados coletados no terceiro questionamento, onde perguntei se existia algum professor que eles não gostavam na época que estudaram e o porquê. Nesta indagação foi possível coletar os dados apresentados na figura abaixo.

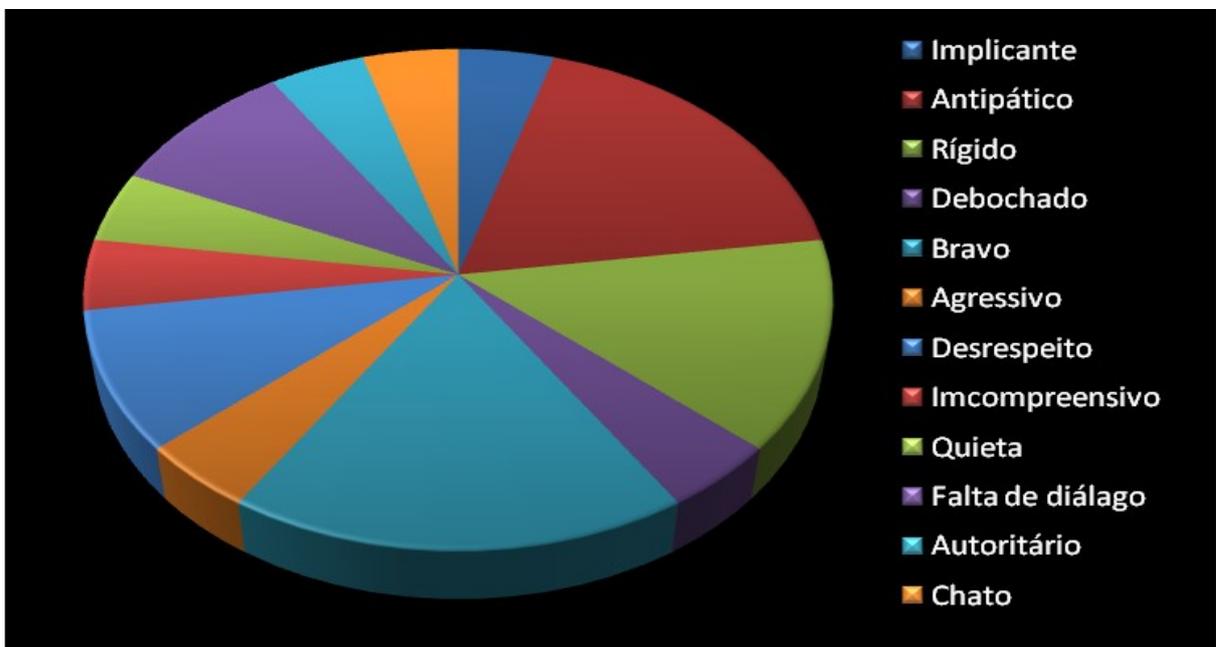


Figura 3 – Características do professor ruim citadas pelos ex-alunos entrevistados
Fonte: Entrevista de campo realizada pela autora

Os entrevistados dizem se lembrar de professores que não guardam com boas lembranças, justamente pelos motivos contrários citados anteriormente, onde 40% lembram do professor muito bravo, que xingava os alunos, botava de castigo, e complementando este aspecto, 30% destaca a rigidez disciplinar e 10% o autoritarismo, onde não era permitida nem as idas ao banheiro, o que na opinião de 10% tornava o professor chato, implicante e incompreensivo.

Nesse sentido, o vínculo pedagógico consistia em um vínculo de submissão, dificultando uma reflexão crítica e a aprendizagem do aluno, tão importantes na promoção da sua individualidade enquanto sujeito social.

Os ex-alunos também mencionaram o desrespeito por parte do professor

(20%) e a maneira debochada que se dirigia aos que perguntavam (10%). Segundo 40% dos entrevistados, estas atitudes tornavam o professor antipático e o ambiente da sala de aula desmotivador.

Os comportamentos do educador, sejam através de ações verbais ou não verbais, em alguns episódios, demonstram-se determinantes na forma de interação do aluno com o objeto do conhecimento, pois “uma maneira de agir está intimamente relacionada a atuação anterior e determina, sobremaneira, o comportamento seguinte.” (Tassoni, 2000). Assim, a combinação das atitudes da professora e sua forma de agir afeta, gradativamente, a relação do aluno com o processo de aprendizagem, exercendo, inevitavelmente, influência na qualidade da sua aprendizagem.

A narrativa de uma das informantes me chamou a atenção pois, segundo ela, a professora em questão era agressivo a ponto de agredi-la com uma régua.

Ela era muito berrona... e eu como era muito tagarela, aí... (sorriso sem graça) ela me deu uma reguada na cabeça... Ela me deu uma reguada na cabeça porque eu era muito tagarela.

Quando indaguei se isso trouxe alguma dificuldade em sala de aula para ela, respondeu-me que não, pois “(...)graças a Deus eu ia bem na ciências e não precisava perguntar. Mas quando eu não entendia eu ficava quieta (...) aí era assim, eu só escutava.” Portanto, podemos perceber que se o aluno em questão possuísse dificuldade na respectiva área do conhecimento, ficaria prejudicado pelo medo de perguntar.

Vygotsky (1989, p.75) fala que o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual. Ele afirma, que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual: primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica)”. Desta forma, o aluno que não interage e que não dispõe de um ambiente acolhedor e afetivo, terá muito mais dificuldades de estabelecer esta relação.

Aliás, a falta de diálogo em sala de aula foi citada por 20% dos entrevistados, e este fato, na narrativa de alguns deles, fazia com que não tivessem, de certa

forma, permissão de contribuírem com o que sabiam nas explicações e até mesmo, se sentirem desencorajados a perguntar quando surgiam dúvidas. Outros 10% disseram que a professora era muito quieta, dificilmente conversava sobre outros assuntos que não fossem relacionados aos conteúdos aplicados. Isso também os inibia a perguntarem.

Desta maneira, pode-se perceber que nossas recordações mais significativas, as quais ficam mais aguçadas em nossa mente, são aquelas que envolvem uma carga afetiva mais marcante. Essa carga pode ser positiva ou negativa, mas, segundo as análises feitas, neste caso específico, é possível observar que elas são responsáveis pelas lembranças que se encontram mais nítidas em nossas memórias.

Certamente, muitos de nós lembramos episódios que ocorreram quando ainda crianças e que, pela expressividade emocional, ficaram registradas em nossas mentes, marcando nossa memória e nossa vida. Mesmo que eles tenham ocorrido quando ainda tínhamos pouca idade, elas ficaram registradas, nítidas e marcantes a ponto de dizermos que nos lembramos delas “como se fosse hoje”.

Frente a estas reflexões, é possível inferir sobre as dimensões afetivas que envolvem a aprendizagem, bem como, a importância do relacionamento professor e aluno na sua aquisição.

Foi possível constatar que as ações verbais integradas com as ações não verbais, carregadas de afetividade, possibilitam maneiras diversas de mediação, onde o professor seja capaz de articular “os aspectos afetivos e intelectual, ambos inseparáveis na atividade pedagógica.” (Almeida, 1999, p.103). Desta forma, a professora estará proporcionando a criança, segurança, conforto, prazer e alegria, sentimentos fundamentais nas relações do aluno com o conhecimento.

Assim, a criança estando contente, feliz e satisfeita como o afeto proporcionado pelo incentivo da professora, pode vir a ter melhores resultados em suas atividades, o que contribui eficazmente para a construção do conhecimento.

Percebe-se, então, no processo de aprendizagem, a interação entre aspectos afetivos e cognitivos, os quais, se inter-relacionado, promovem o desenvolvimento da criança. Desta forma, as relações em sala de aula, carregadas de emoção, são muito importantes para o processo cognitivo, “constituindo-se como trocas afetivas.”

(TASSONI, 2000, p. 131). E essas trocas, revelam ainda, que “as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão de conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas.” (ALMEIDA, 1999, p. 107).

É importante ressaltar que um trabalho pedagógico que promova a aprendizagem significativa, incluindo aspectos afetivos e intelectuais, implica na reflexão dos educadores sobre suas práticas pedagógicas e a qualidade de mediação no contexto escolar.

Vygotsky nos orienta que,

se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. (2003, p. 117).

Diante de tais considerações e dos dados apresentados nesta pesquisa, é de extrema importância que o professor utilize a afetividade como ferramenta motivacional, pois esta sendo um instrumento metodológico na relação de aprendizagem pode atribuir um sentido pessoal a ela. Ou seja, estimular a participação ativa dos alunos a partir da motivação, para terem êxito em sua aprendizagem. E isso só é possível, a partir do momento que a criança consegue

se nutrir principalmente das emoções e dos sentimentos disponíveis nos relacionamentos que vivencia. São esses relacionamentos que vão definir as possibilidades de a criança buscar no seu ambiente e nas alternativas que a cultura lhe oferece, a concretização de suas potencialidades, isto, é, a possibilidade de estar sempre se projetando na busca daquilo que ela pode vir a ser. (MAHONEY, 1993, p.68)

Portanto, o desenvolvimento dos alunos, em sala de aula, se dá mediante as diversificadas e intensas relações entre eles e o professor. E são pelas diversas formas de relações que o educador vai qualificando, principalmente durante as atividades pedagógicas, que o aluno estabelece relações entre os objetos do conhecimento.

Essas relações afetivas são tão importantes que Galvão (1995), diz que a

emoção é contagiante e está impressa no corpo das pessoas, sendo que, professor e aluno ficam expostos a esse contágio, pois, segundo ele, a emoção é o oxigênio que alimenta e nutre, e ainda alimenta-se do efeito que causa no outro. Reforçando esta afirmativa, Wallon (1971, p.91) defende que “a emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio.”

O aluno, incluído dentro deste contexto, vai se sentir confiante e contagiado pela motivação existente no ambiente e na interação com ele. Desta maneira, o aluno vai se sentir desafiado não a apenas aprender o conteúdo, mas também aprender a gostar dele. Almeida (1999, p.103) aconselha que “(...) as emoções sejam utilizadas pelo professor como fonte de energia e as expressões emocionais como facilitadoras do conhecimento.”

Nesta perspectiva, convém dizer que não importa as estratégias motivacionais que o professor utilize no desenrolar de sua prática pedagógica, a afetividade, intimamente impregnada na essência humana, estará sempre presente e terá uma influência muito grande dentro da sala de aula, exigindo do professor a capacidade de saber “lidar com a teia das relações que se criam na apropriação do conhecimento.” (ALMEIDA, 1999, p.107).

4 CONCLUSÃO

O que é aprender?

- Aprender é ... como quando papai me ensinou a andar de bicicleta. Eu queria muito andar de bicicleta. Então ... papai me deu uma bici ... menor do que a dele. Me ajudou a subir. A bici sozinha cai, tem que segurar andando...

- Dá um pouco de medo, mas papai segura a bici. Ele não subiu na sua bicicleta grande e disse " assim se anda de bici" ... não, ele ficou correndo ao meu lado sempre segurando a bici ... muitos dias e, de repente, sem que eu me desse conta disso, soltou a bici e seguiu correndo ao meu lado. Então eu disse: Ah! Aprendi!

... - Ah! Aprender é quase tão lindo quanto brincar!
(Fernandez, 2001, O Saber em jogo)

Este texto me inspirou na reflexão sobre este processo de pesquisa, por se tratar de uma narrativa simples, mas que em sua simplicidade revela-nos tantas coisas, tornando-se significativo para a compreensão do tema abordado. Nele, fica evidente a relação da afetividade como ferramenta motivacional para a aprendizagem, bem como a significação e a emoção que trouxe para os envolvidos, pois somente assim, teremos um vínculo estabelecido entre os dois sujeitos envolvidos no processo, que no estudo em questão relaciona-se ao professor e ao aluno.

O dia-a-dia da sala de aula precisa ser permeado pela afetividade como instrumento motivacional na aprendizagem significativa. O aluno, além de aprender, precisa atribuir um sentido para o que aprende, que só é possível mediante esta relação afetiva mediatizado pelo educador com o educando, onde seja possível propiciar a aprendizagem despertando, primeiramente, o interesse e a curiosidade dos alunos pelo tema trabalhado. Paulo Freire é enfático quando diz que, "sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino". Desta forma, o professor não pode apenas almejar desenvolver o cognitivo do aluno, mas também envolvê-los com realidades diferentes, utilizando da motivação, decorrente do processo afetivo, para que o cultural, psicológico e o social também sejam explorados e se tornassem primordiais na aprendizagem. Organizando situações de envolvimento e troca, os alunos, juntamente com o professor vão construindo conhecimentos, ao mesmo tempo em que, convivem, se

relacionam, brincam e constroem.

Os alunos, assim como nós, aprendem com o meio em que estão inseridos, com as vivências, e com as cargas afetivas que envolvem estas vivências. Este é o grande trunfo do educador: trabalhar o social em sala de aula, recheado de afetividade, despertando a curiosidade e o interesse do aluno, tornando assim, a aprendizagem significativa.

Também é importante ressaltar que isso só será possível, com um planejamento engajado com o social, sistematizado com o currículo escolar e flexível e aberto as diversidades e especificidades de cada educando, valorizando seus conhecimentos prévios, suas participações, onde a relação mútua entre professor e aluno possa contribuir para a aprendizagem. Aprendizagem esta que não é somente do educando, mas também do professor, que passa a ser mediador do conhecimento ensinando e aprendendo, e fazendo, desta forma, um verdadeiro processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.R.S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- DANTAS, Heloysa. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon**. Temas em Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, nº 3, 1993.
- _____. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão/** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.
- _____. **Algumas contribuições da psicogenética de H. Wallon para a atividade educativa**. Revista de educação da A. E. C., Brasília, v.23, nº 91, p. 45-51, abr/jun.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-REGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educ. rev., Curitiba, n.36, 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100003&lng=pt&nrm=iso.acessos em 12 set. 2010. DóI: 10.1590/S0104-40602010000100003.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LA TAILLE, Yves de. – **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão/** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.
- MAHONEY, A. A. **Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista**. Temas em psicologia. Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, 1993.
- OLIVEIRA, Martha Kohl de. – **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão/** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.
- _____. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio histórico**. 4ª Ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- PAULA, E M A T. de; MENDONÇA, F W. **Psicologia do desenvolvimento**. Curitiba, Brasil S.a, 2007.
- PIAGET, J. & INHALDER, B. **A psicologia da criança**. Ed. 11. – Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S/A, 1990.

PINO, A. **Afetividade e vida de relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, (mimeo).

RATNER, Carl. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas** / trad. Lólio Lourenço de Oliveira. –Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e a Produção Escrita: a mediação do professor em sala de aula**. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas, Brasil, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 13ª Ed. São Paulo, Libertad, 2002.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. – São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Edições70, 1968.

_____. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Euripéia do Livro, 1971.

ZAGO, Nadir. – **A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa**/ Nadir Zago, Marília Pinto de Carvalho, Rita Amélia Teixeira Vilela (organizadoras). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para entrevista com alunos.

Iniciarei a entrevista pedindo para a pessoa contar um pouco de sua vida de aluno, escolas que estudou, os melhores e piores momentos na escola... Então, após relatar livremente os fatos recordados, indagarei sobre suas lembranças na escola, de uma forma mais específica:

Questionamento 01: Quando tu pensas na tua vida escolar, quais as primeiras lembranças que vem a tua mente?

Questionamento 02: Quando tu pensas nos professores que passaram por tua vida, o que tu lembrás deles? Você lembra de algum professor seu que você guarda com carinho na memória? Porquê?

Questionamento 03: Você lembra de algum professor seu que você não gostava? Por quê?

Estas perguntas serviram como suporte para a entrevista, mas elas foram feitas dentro do contexto que a pessoa narrar. Ou seja, deixei o entrevistado falar livremente e conforme a necessidade fui introduzindo as perguntas. Pois muitas vezes na fala livre do entrevistado já se responderam por si mesmas as perguntas.

APÊNDICE B - Termos de consentimento informado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu GABRIELA VALIM HAHN, Identidade n.º 2075640306 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Gabriela Valim Hahn



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu ROGÉRIO DOS SANTOS HAINZENREDER, Identidade n.º 7093602634 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Rogério dos Santos Hainzenreder



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu DEINÍFRA CARDOSO MENGUE, Identidade n.º 9087483914 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Deinífra Cardoso Mengue



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório "APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO" o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu DÉBORA MAGNUS HAHN, Identidade n.º 7088321927 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente "APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO", desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Déborá Magnus Hahn



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu VOLNEI SCHEFFER SCHARDOGIM, Identidade n.º 1097643132 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Volnei Scheffer Schardogim



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu MÍRIAN FORRATI ANDRADE CARDOSO, Identidade n.º 1075452605 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Mírian F. A. Cardoso



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu DANIEL DOS SANTOS HAINZENREDER, Identidade n.º 1114756032 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Daniel Santos Hainzenreder



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu ISAQUIEL CARDOSO JACOB, Identidade n.º 6093603188 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Isaquiel Jacob



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu BIANCA CARDOSO JACOBY, Identidade n.º 3102309865 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Bianca Cardoso Jacoby



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Sob o título provisório “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO” o estudo, que culminará na elaboração de um trabalho de conclusão de curso (TCC), pretende contribuir para a compreensão do papel que a afetividade tem no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Os dados e resultados individuais da pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, a não ser que o/a autor/a do depoimento manifeste expressamente seu desejo de ser identificado/a. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada. O pesquisador responsável pela pesquisa é a graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mesma se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que o/a participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, através do telefone (051) 3605 1292.

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu RAQUEL JUSTO EVALDT, Identidade n.º 1082651595 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha participação e depoimentos para a pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), junto ao Curso de Graduação em Educação intitulada provisoriamente “APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO”, desenvolvida pela graduanda Mineide Cardoso Mengue Hainzenreder, sob a orientação da Profa. Dra. Dóris Almeida Bitencourt, para que sejam usados integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Da mesma forma, autorizo a sua consulta e o uso das referências a terceiros, ficando vinculado o controle das informações a cargo destes pesquisadores do Curso de Graduação em Educação (Pedagogia) da UFRGS. Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, subscrevo a presente declaração,

Rafael Justo Evaldt